



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13609 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

MULHERES JOVENS E O ARTESANATO: TRAMAS EDUCATIVAS DA AMANUALIDADE

Íris de Carvalho - PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

MULHERES JOVENS E O ARTESANATO: TRAMAS EDUCATIVAS DA AMANUALIDADE

Resumo: Este resumo apresenta aspectos conceituais desenvolvidos na pesquisa de doutorado e tem como objetivo analisar os processos educativos vivenciados por mulheres jovens na produção do artesanato. O tema é pesquisado com os fios epistemológicos do Feminismo e da Educação Popular, tramado pelo conceito de amannualidade do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto. Viemos considerando que as práticas artesanais realizadas pelas jovens artesãs assumem a forma de “artesanato político”, compreendida no conjunto da arte popular feminista.

Palavras-chave: Feminismo, Jovens Artesãs, Amanualidade, Educação Popular

Introdução

Este trabalho desenvolve alguns aspectos conceituais da pesquisa de doutorado em andamento, que tem por objetivo analisar os processos educativos vivenciados por mulheres jovens no trabalho artesanal, discutindo se e como esses processos contribuem para a

produção de uma consciência feminista.

O tema jovens artesãs é pesquisado com os fios epistemológicos do Feminismo e da Educação Popular, que nos fazem pensar a respeito dos processos educativos desde espaços marginais denunciando possibilidades distintas de criação. Esses se aproximam do fazer artesanal produzido no cotidiano. Em concordância com Eli Bartra e Edla Eggert (2016, p. 160), esse fazer ganha potência, pois “as mulheres aprendem quase sempre com as mulheres, suas mães e avós sendo o seu cotidiano uma repetição infinita de movimentos manuais produtores de aprendizagens que, por meio das práticas fazem arte popular e artesanato.”. Portanto, juntar fragmentos e retalhos de experiências diversas e tecer os vínculos entrelaçados de um enredo muitas vezes invisível, é promover aproximações das aprendizagens realizadas pelas mulheres. Significa, também introduzir o elemento da experiência como desencadeadora da visibilidade da produção dos saberes do mundo das mulheres.

O fio epistemológico feminista

Para Ana María Bach (2010), a categoria experiência é central na teoria feminista e na produção de uma epistemologia alternativa, pois é dela que se parte e é ela que se procura reivindicar. Isto porque as experiências são distintas para mulheres e homens, uma vez que seus espaços sociais são diferentes e suas relações são marcadas pelo poder e hierarquias desiguais que acabam por produzir um lugar subordinado à experiência das mulheres.

Nesse fio, para analisar os processos educativos vivenciados pelas mulheres jovens na produção do trabalho artesanal importa considerar a amannualidade, pois entre o rude das mãos e as mais ricas técnicas elaboradas artesanalmente, há graus diferenciados de amannualidade que são desenvolvidos por aquilo que dispomos, ou não, ao alcance das mãos. Essa é uma trama que implica repensar as bases epistemológicas, pois nos propomos a identificar e valorizar um campo de saberes e práticas da vida ordinária, invisíveis e dinâmicos. Por isso, nos propomos a responder a seguinte questão: a partir do conceito de amannualidade, quais são os processos educativos vivenciados pelas mulheres jovens e contados por elas sobre a produção do trabalho artesanal?

Débora Diniz e Ivone Gebara (2022, p. 10) afirmam que “é preciso escutar para imaginar, é preciso lembrar para perguntar, pois só perguntamos estranhando as respostas disponíveis.”. Entendemos que este estranhamento nos remete aos aspectos metodológicos da pesquisa que buscam realizar investigações desde a Educação Popular e dos Estudos Feministas.

Nessa tecitura, nos relacionamos diretamente com o mundo das mulheres e da crítica feminista que tem buscado desconstruir o lugar de objetificação, historicamente imposto, dando visibilidade aos saberes e experiências que atendem aos interesses emancipatórios da coletividade feminina. O modo como nos aproximamos dos Estudos Feministas se remete à reflexão de Joan Scott (1995, p.15) “sem o sentido, não tem experiência, e sem processo de

significação, não tem sentido.”. Portanto, uma proximidade que busca construir e dar visibilidade aos conhecimentos constituídos a partir da experiência das mulheres e que precisam ter seu significado reconhecido.

A metodologia de pesquisa aponta para o compromisso com o Feminismo, portanto, uma metodologia de transformação e mudanças.

[...] una metodología feminista es necesariamente no sexista (que no discrimine en virtud del sexo) y no androcéntrica (no centrada en los varones). La metodología feminista expresa, de manera explícita, la relación entre política y ciencia. (BARTRA, 2012, p. 68).

Há uma multiplicidade de sensações, atividades e conhecimentos a serem sistematizados como base para interpretar a vida das mulheres em todos seus aspectos, e que os Estudos Feministas têm feito um esforço de qualificar nos processos de investigação por meio de metodologias que valorizem a narrativa das mulheres, suas histórias de vida e a troca constante de conhecimentos com o campo empírico. Significa que incorporamos em nosso estudo a categoria de gênero, como categoria de análise das relações sociais vividas nas mais distintas aprendizagens do aprender a ser e estar no mundo, em que a ordem ainda segue sendo androcêntrica e sexista. Um assunto nodal para melhor compreensão dos processos educativos vividos entre as mulheres bem como, nas suas relações com os homens.

A Educação Popular tramada com a amannualidade da experiência feminista

O fio da Educação Popular será tramado junto com o conceito de amannualidade, em Álvaro Vieira Pinto, mestre de Paulo Freire. Esse conceito é apresentado no primeiro volume da obra “Consciência e Realidade Nacional”, publicada em 1960. E, busca dar sentido àquilo que se faz com as mãos cotidianamente, mas não somente, pois pretende dar sentido ao que as pessoas fazem com a realidade que está no seu entorno, no mundo em que se encontram situadas. A referência ao manual, no conceito de amannualidade, orienta para o ato de manusear pela percepção sensível, com o corpo e com o pensamento (VIEIRA PINTO, 2020). Portanto, se relaciona com a ideia de apreensão, de agarrar, pois compreende que os seres humanos são ativos diante de sua realidade. Vieira Pinto buscava com esse conceito discutir a importância da experiência de quem trabalha e pensa sobre seu fazer.

As jovens artesãs que temos estudado usam as redes sociais para divulgarem seus trabalhos e organizarem seus espaços de comercialização virtual e ou presencial em Feiras Livres de Artesanato. São mulheres que têm interesse na produção artesanal, enquanto um modo de vida e geração de renda, bem como uma manifestação artística e política do seu fazer. Para isso, resgatam as técnicas manuais da costura, bordado e pintura *stencil*. Muitas realizam trabalhos individuais, outras buscam os coletivos e, em diversas instâncias sociais se colocam com protagonismo, reivindicando seus direitos, denunciando o sistema de opressão e dominação ao qual as mulheres são submetidas.

Em nosso estudo, percebemos que através do artesanato, as mulheres podem ressignificar suas experiências de vida e produzir um despertar à consciência feminista, uma

vez que o trabalho artesanal é a própria ação humana realizada, por meio da amannualidade. E, que o artesanato, podendo também ser compreendido como arte popular, é produto desta ação, resultado do fazer, sentir, pensar e refletir. Essa trama subjetiva da experiência amannual se manifesta pela criatividade, muitas vezes invisibilizada.

Suspeitamos que a ambiguidade entre artesanato e arte popular está penetrada pela compreensão do conceito de amannualidade e seus diferentes graus de desenvolvimento, empreendidos por Vieira Pinto (2020). Isto porque o julgamento de uma realidade social artística precisa levar em conta os diferentes graus de amannualidade envolvidos no trabalho artesanal, assim como os artefatos disponíveis no entorno das artesãs a fim de configurar a sua realidade envolvente, uma vez que as pessoas são inseparáveis das suas circunstâncias.

Ademais, quanto mais se oportunizar às artesãs a possibilidade de manusear a realidade, com conteúdos diversos e recursos mais elaborados, como tensiona a Educação Popular enquanto instrumento político-pedagógico, mais desenvolvimento técnico e criativo estará presente nas suas práticas artesanais.

Considerações Finais

Observamos que as jovens artesãs têm usado a sua produção artesanal para realizar um “modo de contestação” sobre a condição do ser mulher, a cultura machista e patriarcal em que vivemos. Entendemos que estas práticas artesanais, na forma de “artesanato político”, produzem arte popular, compreendida no conjunto da arte feminista, problematizando a dimensão dos trabalhos manuais, como uma ocupação secundária, que se realiza nos intervalos das tarefas domésticas ou como passatempo. Suspeitamos que existem graus diferentes de amannualidade entre as artesãs que estamos entrevistando, portanto, há elaborações de técnicas mais sofisticadas, conteúdos mais elaborados e estéticas mais complexas envolvidas nos seus diferentes “artesanatos políticos” e artes populares feministas.

REFERÊNCIAS

BACH, Ana María. Las voces de la experiencia: el viraje de la filosofía feminista. Buenos Aires: Biblos, 2010.

BARTRA, Eli; EGGERT, Edla. Estudos feministas, arte popular e educação popular: aproximações e aprendizagens. In: CASTRO, Amanda M.; MACHADO, Rita de Cássia F. (orgs.). *Estudos Feministas, Mulheres e Educação Popular*. Curitiba: CRV, 2016. p. 157- 168.

BARTRA, Eli. Acerca de la investigación y la metodología feminista. In: GRAF, Norma B.; PALACIOS, Fátima F.; EVERARDO, Maribel, R. (orgs.). *Investigación feminista: epistemología, metodología y representaciones Sociales*. México: UNAM, 2012.

DINIZ, Débora; GEBARA, Ivone. *Esperança Feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos,

2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*. v. 20, n. 2, 2017. p. 71-99.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Consciência e Realidade Nacional*. Vol. 1: A consciência ingênua. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.